



# ALMADA NEGREIROS

## OBRA COMPLETA

*Organização*  
ALEXEI BUENO

*Introdução*  
JOSÉ AUGUSTO FRANÇA



BIBLIOTECA  
LUSO-BRASILEIRA  
*Série Portuguesa*

**ALMADA NEGREIROS**  
**OBRA COMPLETA**

*em um volume*

INTRODUÇÃO GERAL

*Nota editorial / Almada Negreiros, letras e artes*  
*Cronologia da vida e da obra*  
*Iconografia*

POESIA

FIÇÃO

TEATRO

MANIFESTOS, ENSAIOS, CRÔNICAS E PROSA DOUTRINÁRIA

APÊNDICE

*Bibliografia / Índice geral*

Primeira edição, 1997

© 1997, by José de Almada Negreiros

Direitos desta edição para todos os países de língua portuguesa adquiridos pela

EDITORA NOVA AGUILAR S.A.

Rua Dona Mariana, 205 - casa 1 - Botafogo - CEP 22280-020

Rio de Janeiro, RJ

Tel./Fax: 537-8275 - 537-7189

ISBN 85-210-0049-0

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte  
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

- N311a Negreiros, Almada, 1893-1970  
Almada Negreiros : obra completa : volume único / organização,  
Alexei Bueno ; introdução, José Augusto França. — Rio de Janeiro :  
Nova Aguilar, 1997.  
1 v. — (Biblioteca luso-brasileira ; Série portuguesa)

Contém dados biobibliográficos.

ISBN 85.210.0049-0

1. Negreiros, Almada, 1893-1970. I. Bueno, Alexei, 1963-. II. Título.  
III. Série.



*Deve-se agora à genialidade do pintor Picasso este modo do exercício de arte pelo espontâneo. E também se devia já ao Renascimento.*

*Já no Renascimento havia sido encontrado "estudar longamente e executar depressa". Mas deve-se reconhecer em Picasso a maravilhosa florescência disto mesmo, como o não havia atingido ainda Rafael, e como o não podia ter atingido antes da nossa actualidade. Eis agora Picasso.*

*Aprendi em Renascimento e Picasso a executar de fio a pavio, a rasgar e esquecer o que de fio a pavio não consegui fazer chegar em unidade a fim, e a recomeçar constantemente até consegui-lo.*

*Agora, aos 72 anos de idade, apresento em teatro exemplos da demoradíssima arte por espontâneo.*

*Pinteí antes a fresco as duas gares marítimas de Lisboa (250 m<sup>2</sup> cada uma) que estudei cada uma dois anos e meio e executei cada uma em setenta dias acompanhado apenas pelo mesmo operário chegado das tintas.*

## ACTO ÚNICO

(Meia luz. / Uma ogiva. / Um pequeno vitral quadrado fortemente colorido de assunto friamente geométrico: círculo inscrito em quadrado. / Uma pesada esfera oscila em pêndulo de um lado a outro da cena passando em silêncio conforme a sua amplitude incomparavelmente maior do que a abertura da cena. / Afinal está alguém sentado ao fundo atento a um plano desenhado. / O carrilhão da catedral muito perto vibra ostentivamente uma copla solene. / De novo o silêncio. / A figura ao fundo levanta-se e vai para diante da ogiva de costas ao público. / Através da ogiva começa a ver-se a noite estrelada e finalmente toda a atmosfera nocturna com as suas constelações e astros em todo o fundo da cena. / A figura volta-se para o grande pêndulo que continua a oscilar e segue-o com a vista compassadamente definindo perfeitamente a sua demorada amplitude. / Uma figura de mulher avança. Hesita duas vezes antes de tocar-lhe um ombro. / Cara a cara.)

MULHER — Peço-te. Rogo-te. Por nós ambos to peço. Faz-me isto a mim. Por mim. Eu guardo segredo. Ninguém mais o saberá senão tu e eu. Diz-me: Move-se?

HOMEM (Indicando o pêndulo e seguindo-o com o braço.) — Move-se.

MULHER — Oh é terrível!

Se é verdade porque o não calaste?

Não era o bastante sabê-lo para ti?

Porque o disseste?

Porque mo disseste se nada sei disto senão por ti?

Porque puseste em mim esta perturbação entre nós ambos e entre nós e o mundo?

Chamas verdade a isto que põe o mundo contra nós?

Não é verdade também o mundo?

São os dirigentes do mundo que estão contra nós. Contra a tua verdade!

Será verdade coisa assim a perturbar a paz?

HOMEM (Seguindo com o braço a oscilação do pêndulo.) — A paz.

MULHER — E eu que rebente de paz. A tua paz.